

Por uma luz renovável

Homilia na Solenidade da Apresentação do Senhor

Caros Capitulares, Sacerdotes, Seminaristas,
Irmãos e Irmãs!

1. Certamente que muitos de nós já fomos induzidos pelas inúmeras campanhas de produção de energia renovável, que a publicidade nos impõe, em prol de uma electricidade mais amiga do ambiente. Mas neste dia em que celebramos a Festa da Apresentação do Senhor, tradicional Festa da Senhora das Candeias, a liturgia da Palavra argumenta que, se esta luz artificial (electricidade) é obra da inteligência humana, a luz “natural” foi um desejo e dom de Deus, quando no início da criação afirmou: “Faça-se luz!” (Gn 1,3).

Com essa mesma luz, Ele iluminou o caminho ao povo hebreu durante a noite, enquanto este saía da escravidão do Egipto. E mediante o profeta Malaquias, anuncia agora a vinda de um mensageiro para que ilumine e prepare o seu caminho, como escutávamos na primeira leitura.

Vivendo na ansiedade por esta chegada gloriosa do mensageiro de Deus, eis que no templo de Jerusalém entra uma criança débil e indefesa, levada pelos pais, para o rito da purificação prescrita na lei de Moisés. No meio desta cena, um idoso levanta-se e denomina-o de “luz das nações”: aquele por quem todos esperavam!

2. Aliando o simbolismo à pedagogia, o velho Simeão ensina-nos permanentemente que Cristo é a manifestação da Luz do próprio Deus no mundo. Por isso, todos somos “filhos da luz”: da **luz criadora** de Deus, presente nos primórdios do mundo; da **luz redentora** de Cristo, simbolizada no círio pascal; e da **luz santificadora** do Espírito Santo que, sob a forma de línguas de fogo, fundou a Igreja.

A propósito desta filiação eclesial, o Concílio Vaticano II, cujo cinquentenário celebramos em Outubro próximo, sublinha esta identidade cristã, que necessariamente se integra na Igreja, para que, em unidade e corresponsabilidade com a Luz de Cristo, iluminemos “todos os

povos com a sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, anunciando o Evangelho a toda a criatura” (LG 1).

3. Se a missão da Igreja é universal nos seus destinatários, em período de Braga Capital Europeia da Juventude, deveríamos ser capazes de conhecer um pouco mais os caminhos que os jovens de hoje percorrem. Temos de admitir que eles vivem inseridos numa sociedade dominada por uma cultura marcadamente alheia à carga simbólica da luz.

Os caminhos das trevas são prometedores de felicidade, mas conduzem a um beco sem saída! Os valores, que não necessitam de ser apelidados de tradicionais, são marginalizados na educação e não garantem uma sociedade onde seja possível conviver na harmonia do diferente. O sistema educativo português (do pré-escolar à universidade) não consegue formar os jovens para um verdadeiro humanismo, o que me leva a perguntar: afinal, isto não será uma preocupação urgente para os nossos professores, directores escolares e políticos?

Além disso, há jovens que vivem na margem da vida e a Igreja tem de assumir as suas interrogações, deixando-se interpelar pelos seus dramas existenciais. A estatística de um jovem desempregado em cada três jovens é assustadora e está a gerar exclusão social. Não é suficiente ignorar ou pensar que tudo são maravilhas! A juventude é um potencial a descobrir para renovar a sociedade: ela é o diagnóstico da vida de amanhã!

4. Assim sendo, eis o que nos compete fazer: despir o nosso cristianismo (e os dinamismos da pastoral) de tudo o que espelha as trevas da tristeza, e anunciar a luminosidade jubilosa que brota de Cristo. Com isto, não pretendo mudar a Igreja, mas apenas o modo de apresentar a verdade da Igreja de Cristo!

Desta forma, torna-se fundamental que os nossos grupos de jovens testemunhem a beleza da sua identidade cristã. Aliás, foi isso o que o Santo Padre pediu aos jovens em Lisboa:

“Com o vosso entusiasmo mostrai que, entre tantos modos de viver, que hoje o mundo parece oferecer-nos – todos aparentemente do mesmo nível - , só seguindo Jesus é que se encontra o verdadeiro

sentido da vida e, conseqüentemente, a alegria verdadeira e duradoura. (...) Dizei aos jovens que é belo ser amigo de Jesus e que vale a pena segui-Lo”.

5. Na segunda leitura da Carta aos Hebreus, é-nos apresentado o método: do mesmo modo que Cristo partilhou a nossa natureza, só partilhando a vivência e o pensamento juvenil, próprios do mundo pós-moderno, encontraremos caminhos para propor através de novas linguagens, não mais uma ideologia, mas Jesus Cristo.

Se assim for, a **música** poderá ter outro encanto com a nossa melodia; a **arte** abrirá horizontes para o Transcendente; os diversos domínios da **ciência** não contradirão o essencial da fé, como muitos consideram; o **convívio** pode tornar-se verdadeira festa, que descansa e dá alento para prosseguir o difícil caminho da história atual; e a **filosofia**, a **economia**, a **política**, a **medicina**, o **ensino**... poderão receber algum pormenor que as enriqueça.

Braga, Capital Europeia da Juventude, não pode ser uma oportunidade desperdiçada pela Igreja para fazer vislumbrar nos jovens uma alternativa que os desvie dos caminhos da escuridão, do desânimo e da angústia. Com este método, certamente que muitos deles perguntarão como o Salmista: *Quem é (afinal) esse rei da glória?*

Para terminar, a verdadeira luz renovável da sociedade não está assim na “luz artificial” produzida pela axiologia do Homem, mas na autoridade da luz de Cristo: só esta é capaz de renovar a sociedade, fazendo com que os jovens cresçam em autêntica “estatura, graça e sabedoria”.

Portanto, partilhemos esta luz renovável, alimentemo-nos da Palavra de Deus e que a Senhora das Candeias nos ajude a tornar a Igreja mais amiga dos jovens!

+ Jorge Ortega, A. P.
Solenidade da Apresentação do Senhor,
2 de Fevereiro, Sé Catedral de Braga.